

## **GT01 - Ciberpolítica, ciberativismo e cibercultura**

### **Novos ambientes, velhas questões: gênero e classe na cibercultura feminina**

**Autora:** Adriana Braga (adrianabraga1@yahoo.com.br /Doutor(a) /Docente e Pesquisador)  
**Instituição 1.** PUC-Rio, PPGCS - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, CNPq

#### **Resumo:**

Este trabalho visa a discutir o uso social da Internet por mulheres e suas interações sociais em ambientes digitais. Metodologicamente, este estudo problematiza dados provenientes de logfiles e de entrevistas com participantes de um circuito de interação social na Internet, nos quais são salientados alguns tópicos em particular. O aborto, ponto fulcral da luta feminista pelo direito reprodutivo, é um dos temas mais controversos no campo simbólico da maternidade, que suscita disposições díspares nesse ambiente. Outro ponto de controvérsia refere-se à silenciosa luta de classes no espaço doméstico, evidenciada nas tensões acerca dos relatos das participantes e sua relação com suas empregadas domésticas. Nos relatos sobre estes e outros temas, percebe-se uma atualização da cultura feminina e suas contradições, mediada pela possibilidade tecnológica das ambiências digitais. Não obstante o recorte de classe social que ainda permeia o acesso a estes ambientes, a arena pública disponibilizada pela Internet mostra-se como um ponto de observação privilegiado das transformações da cultura feminina na contemporaneidade.

# **Novos Ambientes, Velhas Questões: gênero e classe na cibercultura feminina**

*Adriana Braga – PPGCS/PUC-Rio/CNPq*

## **Introdução**

No dia 17 de agosto de 2011, 70 mil mulheres trabalhadoras do campo e da floresta se reuniram em frente ao Palácio do Planalto, em Brasília, clamando por políticas públicas que garantam melhorias nas suas condições de vida e trabalho, a IV Marcha das Margaridas, coordenada pela CONTAG, Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura. Lideranças de norte a sul do país apresentaram as demandas da classe, que passam por biodiversidade; democratização dos recursos naturais, terra e água; agroecologia; soberania e segurança alimentar e nutricional; saúde pública e direitos reprodutivos. Foram vários dias entre o deslocamento de seus locais de origem e debates, passeata e negociações em Brasília. Vários compromissos foram assumidos pelo governo federal, na pessoa da presidenta Dilma, no atendimento das demandas apresentadas. Jornais e televisão, entretanto, praticamente não deram notícia deste evento. Salvo algumas menções em sites de notícia, que enfatizavam o transtorno no trânsito ao invés das motivações da mobilização; e uma rapidíssima nota no Jornal Nacional do dia da passeata, também sem nenhuma ênfase no caráter político do evento.

A ação política organizada e realizada no plano cultural por essas mulheres chama atenção pelo modo tradicional com que se deu encaminhamento ao processo de defesa de seus direitos. O século XX foi marcado por ações como essa, que utilizam recursos como mobilização, reunião em praça pública, passeata com cartazes e palavras de ordem. Com o avanço do ideário individualista, no plano da cultura e do neoliberalismo, no plano econômico, surgiram outros modos de fazer política e praticar cidadania, que encontram nos ambientes digitais locus privilegiado de exercício. Entretanto, como visto no exemplo da Marcha das Margaridas citado acima, modos tradicionais de fazer política continuam eficazes,

e convivem com modos tecnológicos e individuais, como assinatura de petições ou participação em fóruns de deliberação.

Neste artigo, pretendo discutir alguns aspectos da expressão desta dimensão política do gênero em ambientes digitais. Aqui, ao contrário da praça pública em Brasília, o debate se dá por escrito, e as lógicas envolvidas no confronto entre posições divergentes são pautadas por outros códigos de conduta. Uma política feita entre sociabilidades: as mesmas velhas questões, mas atualizadas em ambientes digitais. Neste texto, destacarei duas questões particularmente delicadas no debate sobre gênero: o trabalho doméstico e a interrupção voluntária da gravidez.

A Internet trouxe uma série de alterações na configuração do campo das mídias, não apenas redefinindo os meios tradicionais, mas criando e ampliando contextos de interação social, que são apropriados por novos sujeitos enunciadore, a partir de protocolos e lógicas de interação específicas. Este trabalho visa a discutir o uso social da Internet por mulheres e suas interações sociais em ambientes digitais, materiais discursivos que propõem definições sobre alguns aspectos da feminilidade contemporânea. Foram analisados comentários deixados em um blog que se dedica à maternidade contemporânea, em um total de mais de 40.000 entradas em quatro anos. Hoje, graças à tecnologia do computador ligado à Internet, ‘vozes’ antes inacessíveis passaram a ocupar espaço na arena pública como novos agentes discursivos. Assim, ouvir o que estas mulheres têm a dizer pode ser uma maneira de entender, de uma perspectiva da interação cotidiana, o complexo processo de atualização histórica da cultura de gênero.

A questão do aborto é um dos temas mais controversos no campo simbólico da maternidade. Ponto fulcral da luta feminista pelo direito reprodutivo, o procedimento voluntário de interrupção da gravidez suscita disposições opostas, contraditórias, fomentadas por argumentos morais, políticos, médicos, previdenciários, religiosos e metafísicos, tornando-se quase uma questão filosófica na tentativa da definição dos limiares da vida humana. A irrupção deste tema no ambiente pesquisado provocou uma intensa atividade discursiva, em que o acirramento das posições teve como consequência o afastamento de algumas participantes.

Neste artigo, analiso também um longo conjunto de comentários gerado a partir da queixa apresentada por uma frequentadora sobre a conduta de sua empregada doméstica. Ao longo da interação, foram levantadas questões cruciais acerca dessa contradição na atual

sociedade urbana brasileira: as relações étnicas, de classe e trabalho no contexto doméstico. Entre aspectos desse tema, pode-se destacar o estatuto trabalhista da empregada doméstica, seu papel na emancipação das mulheres de classe média e vice-versa, intimidade e assédio sexual no ambiente doméstico, maus tratos contra crianças, gosto de classe e hierarquias nas relações de trabalho no lar.

Nos relatos sobre estes e outros temas, percebe-se uma atualização da cultura feminina e suas contradições, mediada pela possibilidade tecnológica das ambiências digitais. Não obstante o recorte de classe social que ainda permeia o acesso a estes ambientes (pode-se mencionar, além dos custos financeiros para aquisição de equipamentos, instalação e manutenção de uma rede de Internet doméstica, também a competência linguística em inglês, a competência redacional em português e a competência simbólica na apresentação do *self* em ambientes digitais), a arena aberta que se oferece mostra-se como um ponto de observação privilegiado das transformações da cultura feminina na contemporaneidade. A leitura desses materiais vem colaborar para uma compreensão dos modos de apropriação do novo ambiente social disponibilizado pela Internet, do uso que as participantes fazem do aparato técnico fornecido pelo computador pessoal ligado à Internet, do modo como interagem com as tecnologias de comunicação recentes. Em um período de mudanças acerca das definições da feminilidade e maternidade, em que novos modelos de maternidade e organização familiar competem por legitimidade no campo social, as novas tecnologias da comunicação oferecem espaço renovado – convergente com o ideário contemporâneo – ao estabelecer e ampliar foros de debate para a questão feminina.

## **Ciber-Cultura Feminina**

Em 1902, quando escreveu seu artigo sobre a *Cultura Feminina*, Georg Simmel considerava que o movimento das mulheres iria influenciar decisivamente o futuro da espécie humana, de modo mais radical que a própria questão operária. Entretanto, Simmel apontou uma problemática envolvendo o movimento feminino e seu significado cultural objetivo, que seria de que as mulheres ocupassem “as formas de existência e de prestação até então reservadas aos homens.”<sup>1</sup> O autor questiona se essa ocupação terá como consequência uma

---

<sup>1</sup> SIMMEL, 1993, p. 69.

produção qualitativamente diferente da produzida até então. Interessa se o terreno da cultura será ampliado a partir dessa produção ou se apenas copiado, duplicado.

Nitidamente influenciado pelas ideias disponíveis naquele contexto histórico do início do século XX, o autor parte de uma essencialização do ser feminino, que manteria, segundo essa concepção, uma unidade com a natureza. Nas mais diversas sociedades, os significados articulados ao ‘ser feminino’ vinculam-no ao mundo da ‘natureza,’ em uma larga medida pela apropriação cultural dos fenômenos específicos da corporeidade feminina – menstruação, gravidez, aleitamento. Sob essa óptica, estes fenômenos tornariam o corpo da mulher o *locus* por excelência da centralidade da identidade feminina, que ao ser relacionada à ‘natureza,’ inscreve-se no rol dos territórios a serem conquistados pela ‘cultura,’ pela ‘civilização,’ dominados pela ‘razão’ – domínio masculino. Essa ideia foi criticada severamente por algumas vertentes dos estudos feministas a partir dos anos 1960.<sup>2</sup> Entretanto, essas matrizes culturais arcaicas ainda hoje se atualizam: em nossa sociedade, diversos produtos dos *media* corroboram e sustentam uma lógica de subordinação desse grupo a partir do controle voluntário sobre os usos do corpo.<sup>3</sup>

Simmel não parece estar interessado em discutir a ontologia do ser feminino, se cultural ou biológica, mas as habilidades próprias – observáveis –, desenvolvidas historicamente pelas mulheres. Apesar de estar convencido de que as mulheres têm uma natureza diferente e por isso necessitam de ocupações específicas, ele acredita que no interior da cultura existente – masculina – elas acabariam tendo que optar entre abandonar a opção pelo trabalho ou abandonar o que elas são. Simmel reconhece que a única maneira de adquirir as bases, o material e a técnica para atender particularidades das mulheres é, preliminarmente, desfrutando da formação masculina, de seus direitos constituídos. Um século depois, o movimento feminino na sociedade continua precisando conquistar espaços: sua condição de grupo minoritário na sociedade frente à hegemonia masculina não foi essencialmente alterada. Nesse sentido, as frequentadoras do blog citado – objeto empírico desta reflexão – podem ser consideradas um exemplo atual de uma geração de mulheres a ocupar esse território tradicionalmente masculino, o mundo das máquinas e da tecnologia computacional.

A considerar a movimentação feminina pela estrutura social ao longo da história, mudanças substantivas foram registradas em pesquisas das mais diversas áreas, bem como podem ser observadas quotidianamente. Tudo se transforma rapidamente nas relações das

---

<sup>2</sup> Para uma posição emblemática nesse sentido, ver ORTNER (1974).

<sup>3</sup> Os *media* promovem, sob várias instâncias discursivas, elementos de identidade feminina – definida em termos de ‘auto-estima’ ou ‘confiança’ – a partir do manejo ‘adequado’ da corporeidade. Para uma abordagem mais detalhada dessa atualização, ver BRAGA (2003).

mulheres com o trabalho, com os recursos tecnológicos, com o entorno sócio-cultural, mas uma coisa permanece constante: a maternidade continua na pauta e na prática das mulheres atuais. Na pauta de mulheres que utilizam o computador quotidianamente e fazem do acesso aos blogs um espaço próprio, espaço de expressão.

## **Sociabilidade no blog**

Aspectos da sociologia formal, teoria da sociedade desenvolvida ainda no final do século XIX por Georg Simmel, podem ser aplicados ao tipo específico de interação que ocorre no blog em questão. A partir da noção de sociação, definida como o modo pelo qual os indivíduos se aproximam em núcleos de satisfação de seus interesses, Simmel (1983) considera que o conteúdo de uma sociação é o que está presente nos indivíduos, como impulso, interesse, estado psíquico, movimento que visa mediar influências sobre os outros. A partir de seus propósitos e das condições práticas, os indivíduos trabalham sua criatividade e sentimentos sobre os materiais da vida, conformando-os como elementos de usos específicos da vida de cada um. Entretanto, tais formas, autonomizadas, independentes de seus conteúdos originais, adquirem fascínio exatamente por esta desvinculação: sociabilidade, forma autônoma, estética e lúdica da sociação.

Os fenômenos reunidos na categoria de jogo parecem funcionar de forma similar. As necessidades, impulsos e forças reais produzem formas de comportamento adequadas ao jogo, formas puras que se autonomizam e que fornecem ao próprio jogo sua jocosidade e seu sentido simbólico, distinguindo-o assim da simples brincadeira. Sendo assim, a sociabilidade evita atritos com a realidade, de modo que os motivos da sociação, implicados na vida prática, não têm importância neste contexto interacional. Ponto semelhante é desenvolvido por Erving Goffman (1998), para quem a maior parte da interação social quotidiana é possibilitada pelo engajamento comum e voluntário dos/as participantes no que ele chama de “consenso operacional,” uma espécie de concordância superficial, onde cada participante abstrai suas posições pessoais em prol de uma definição da situação compartilhada:

A conservação desta concordância superficial é facilitada pelo fato de cada participante ocultar seus próprios desejos por trás de afirmações que apoiam valores aos quais todos os presentes se sentem obrigados a prestar falsa homenagem. (...) Os participantes, em conjunto, contribuem para uma única definição geral da situação, que implica não tanto num acordo real quanto às pretensões de qual pessoa, referentes a quais questões, serão temporariamente acatadas, haverá também um acordo real quanto à conveniência de se evitar um conflito aberto de definições da

situação. Referir-me-ei a este nível de acordo como um “consenso operacional” (GOFFMAN, 1998, p. 18-19).

No caso específico do blog, em que sejam guardadas as diferenças do tipo de interação face a face analisado por Goffman,<sup>4</sup> a dinâmica interacional entre as participantes aponta para a manutenção do consenso operacional deste ambiente de sociabilidade. A função reguladora da sociabilidade vai ser exercida pelo tacto, que através da cordialidade vai traçar os limites quando ocorrem excessos. Fica clara também a função fática da comunicação verbal no contexto do blog. Esta função da linguagem, originalmente definida por Bronislaw Malinowski, foi designada por Roman Jakobson (1969) como um dos seis fatores que determinam as diferentes funções da linguagem. Para ele, o fator ligado à função fática é o contato:

Este pendor para o contato ou, na designação de Malinowski, para a função fática, pode ser evidenciado por uma troca profusa de fórmulas ritualizadas, por diálogos inteiros cujo único propósito é prolongar a comunicação (JAKOBSON, 1969, p. 126).

Assim, a função fática opera basicamente como uma sustentadora da interação verbal, prolongando ou interrompendo a comunicação, permitindo verificar a atenção do interlocutor ao fluxo da conversação.

As/os participantes se apresentam equipadas/os apenas de sua humanidade, renunciando às “qualificações objetivas de sua personalidade.” Mas se um/a participante interage visando propósitos objetivos, um “limiar da sociabilidade” (SIMMEL, 1983, p. 171) é transposto, desfazendo o princípio formativo do grupo. Nesse sentido, é possível observar no blog, a partir de uma consciência tácita, uma disposição tolerante e amável por parte das frequentadoras que poderia ser categorizada como reguladora dos limiares daquela sociabilidade.

A atividade comunicacional realizada nesse ambiente motivou várias frequentadoras a criarem seus próprios blogs tematizando a experiência pessoal de cada uma com a maternidade. Assim, durante os três anos de atividade, surgiram dezenas de outros blogs, formando um circuito de interação on-line entre estas mulheres. Não obstante, é interessante notar que, apesar da atividade comunicacional ser facilitada pelo aparato tecnológico da rede, as frequentadoras periodicamente promovem encontros presenciais. Esses encontros são

---

<sup>4</sup> Em seus textos, Goffman deixa sempre claro o limite da ordem da interação: a presença física imediata entre dois/duas ou mais participantes. Entretanto, acredito que a teorização desse autor possa ser cuidadosamente extrapolada de modo a incluir o tipo peculiar de interação social ocorrente nos blogs.

agendados no contexto do blog, onde há referências também a telefonemas, e-mails e *messenger*, evidenciando um caráter complementar das mídias coexistentes e disponíveis no cotidiano das frequentadoras. Sendo assim, a comunicação mediada por computador parece não substituir os encontros face a face, mas participarem como mais um recurso técnico neste contexto de interação.

### **Uma silenciosa luta de classes doméstica**

O grupo de participantes do circuito interativo do blog, assim como grande parte das mães dessa geração, é composto por mulheres que exercem atividades profissionais fora de casa. A maior parte do grupo em observação utiliza o computador ligado à Internet no seu cotidiano laboral. É também diante do computador que fazem seus intervalos de trabalho, a visitar os vários ambientes do circuito-blogue.<sup>5</sup> Nessas interações, tempo de lazer dentro do tempo de trabalho, questões relativas ao cotidiano materno das frequentadoras são relatadas e discutidas.

Um tópico importante decorrente da atividade profissional das participantes, parceiras de geração e de classe social, trata do difícil gerenciamento do cuidado dos/as filhos/as durante a jornada de trabalho. Sendo mães e trabalhadoras, essas mulheres necessitam de ajuda alheia nos cuidados com os/as filhos/as. Cuidados que são geralmente assumidos por outras mulheres, seja na creche, na casa das avós ou dentro da própria casa pela empregada doméstica. A relação entre empregadoras e empregadas domésticas é permeada por tensionamentos de ordem afetiva, étnica, econômica, trabalhista e social.

No Brasil, país que registra uma maioria da população pertencente à classe pobre, um viés de classe atravessa o próprio movimento de emancipação feminina, na medida em que uma elite passa a usufruir os benefícios resultantes das conquistas feministas enquanto mulheres menos favorecidas dão suporte para que essas mulheres das classes média e alta efetivem sua emancipação. É evidente que as empregadas domésticas também estão exercendo atividades profissionais fora de casa enquanto cuidam de casas alheias, entretanto, é um trabalho de mesma natureza daquele que elas exercem em suas próprias casas, a diminuir a possibilidade de realização profissional com tal atividade. Parece não haver muitas certezas

---

<sup>5</sup> Circuito comunicacional estabelecido entre as participantes do blog, nas diversas estruturas da Internet (ver Braga, 2005, 2008).



sobre a melhor opção nesse sentido, insegurança que se apresenta em forma de tópico na comunidade do *Orkut*:

**creche, empregada ou casa da vovó?** 18/08/2005 05:35

Oi meninas!

**Como é que vcs fazem com os seus pequeninos enquanto trabalham feito mouras?**

Creche, empregada ou casa da vovó (ou similares)?

Cada qual tem seus prós e contras... estou decidida a deixar o meu pequeno na casa da minha sogra durante o primeiro aninho de vida... depois não sei.

Qual foi a sua opção?

Normalmente, um tópico veiculado nesta comunidade do *Orkut* gera menos de uma dezena de comentários. Questões importantes porém geram maior número de manifestações, como foi o caso deste tópico, que gerou 49 comentários até o momento. No blog, a queixa de uma frequentadora sobre a conduta de sua empregada doméstica gerou um imenso debate de mais de 200 comentários em 24 horas, evidenciando, nas diferentes posições manifestadas, as contradições e paradoxos do trabalho doméstico na sociedade brasileira, uma silenciosa – doméstica – manifestação de luta de classes:

**15816 - Gina:** Ai, me ajudem. Tem coisa mais **odiosa** do que **chegar em casa douda pra ir no banheiro e dar de cara com a "ajudante" sentadinha no seu banheiro????** P! nem pra trancar a porta, a cara de pau! Depois do episódio, decidi: agora só faxineira semanal. pelo menos demora mais pra ficar folgada

**15821 - Ju:** Desculpa, mas **eu sou besta mesmo. Eu morro de pena.** Acho o fim prédio em que empregado só pode usar elevador de serviço. **Acho o fim as "dependências de empregada", aqueles lugares minúsculos onde a pessoa tem que dormir com o pé na parede e tomar banho em cima do vaso. Não gosto de babá de uniforme, me parece que a patroa acha que a figura não é "limpa"** o suficiente pra carregar o seu bebê com a roupa que usa. E toda vez que vêm reclamar de empregada comigo eu já levanto as orelhinhas, porque o que eu tenho visto por aí é que **quando as empregadas fazem alguma sacanagem, alguma coisa errada, as patroas contam pra todas as suas amigas, mas quase nunca se comenta quando as amigas não pagam o INSS,**

**não respeitam as folgas semanais, não pagam 13º, pagam um salário de fome e ainda querem que as empregadas durmam em casa trabalhando 24 horas por dia** (porque, enquanto a empregada tá em casa, o povo acha que é ela que tem que fazer tudo, lavar qualquer coisa que se suje, seja a hora que for). **Às vezes a empregada nem sabe direito os direitos que tem.** A minha veio de uma casa em que trabalhou 3 anos e a mulher NUNCA pagou 1 parcela de INSS, nem nada. Eu expliquei tudo pra ela, mas **ela não quis procurar a justiça, porque afinal a dona "era tão boa" pra ela!!!**  
**Eu me policio sempre para olhar o outro lado, porque acho que nosso país tem um horroroso ranço escravocrata, que muitas vezes a gente reproduz sem nem se dar conta.**

Desculpa, Gina, provavelmente nem é esse o seu caso, mas é que realmente **eu acho que a gente reclama delas muito mais do que elas da gente, e às vezes a gente se esquece de se colocar um pouco no lugar de quem trabalha nas nossas casas.**

*15826 - Gina:* Desculpa, Ju, não quis ofendê-la. Apenas desabafei. Afinal, pago um salário razoável pra alguém trabalhar em minha casa cinco dias na semana, de 8 às 17, com todos os direitos garantidos por lei, desde o primeiro dia, ela tem um banheiro que não é o "de empregada", é o banheiro social da casa, com o mesmo papel e sabonete que uso no meu, que eu gosto de ter sempre limpo e disponível para quando eu chego do trabalho, em que ganho o dinheiro que sustenta a moça, que pelo visto (como tantas outras ) não dá o mínimo para a consideração que dispenso a ela (além dos já falados direitos trabalhistas, que são nada mais que minha obrigação, não é pq sou boazinha). Consideração como perder tempo procurando presentes que eu acho que vá agradar aos filhos dela no dia da criança (e não qq porcaria de camelô) etc.

Ju, **esse discurso de que ser boazinha, justa socialmente etc é ótimo, mas dá no saco vc ser sacaneada sempre.** Também por várias vezes já tentei me colocar no lugar dela, que deve ser difícil pacas, mas **não é por ser pobre que se pode fazer o que quiser e tudo bem, "ah, coitadinha".** é por causa dessa mentalidade (essa, sim, com raízes escravocratas) que muitas pessoas que poderiam estar trabalhando dignamente acabam na rua, porque não entendem que é um toma lá dá cá, eu te respeito mas quero respeito.

Ter o banheiro livre é o de menos. Não quero assustar ninguém não, mas o que vejo por aí de babá (de ou sem uniforme branco) que não tá nem aí pras crianças é de assustar. Por isso optei por reduzir minha carga de trabalho (com redução óbvia de ganhos)pra poder estar sempre com meu filho, quando ele não está na escola. **Em casa, com empregada, nem pensar, que as histórias (reais, próximas) são de arrepiar**

*15827 - Gina:* ps.> "ajudante", entre aspas, que é o nome que as patroas **pseudo-boazinhas usam.** Eu sempre usei empregada doméstica (tá na lei e acho que é o certo mesmo. Agora me livrei disso (ps. again: já fiz as contas e só não paguei hoje mesmo todos os direitos pq estou sem impressora pros recibos, senão

é Justiça na certa né?

*15828 - Renata:* Vou dar meu pitaco.

Gina, eu entendi seu desabafo e acho q a Ju tbém, mas **acho que a relação com o empregado depende de cada um**. Lá em casa, por exemplo, eu sou superliberal. Faço questão de q a minha empregada se sinta em casa, até pq ela dorme lá e não saberia conviver com ela de outra forma. E tenho dado sorte, pq acho q ela tem correspondido à altura a confiança e o carinho. Mas sei que nem todo mundo é igual. **Tem empregada q rouba, que belisca etc. como na minha empresa tbém há péssimos profissionais** - apesar de recebermos nossos salários, direitos etc. e tal. Como em toda relação, os dois lados têm é q ter bom senso. **Nem eu vou acordá-la no meio da noite pra fazer mamadeira nem ela vai ver tv deitada na minha cama**.

Enfim... as duas q tive até agora cuidaram mto bem da minha casa e do meu filho e acho q isso se deve mto à forma como elas são tratadas.

*15830 - Monix:* Ju, sem querer entrar na polêmica da empregada e já entrando (como diria o abominável Jô Soares, hahaha, olha outra polêmica aí), quero dizer que **a babá do Vítor, que dorme na minha casa de segunda a sexta pra eu poder trabalhar (ela mora a duas horas e meia de distância), usa uniforme branco**. E eu sei que ninguém tem nada com isso, mas quero explicar: é que ela fica dentro da minha casa, usa roupas muito justas e curtas, e **eu não me sinto à vontade em vê-la passando pela sala de shoritinho na frente do meu marido nem levando o meu filho pra passear com roupas que não são adequadas na minha elitista opinião**.

Ai, gente, às vezes eu me acho tão imperfeita...

*15831 - Ju:* Imagina, Gina, não foi ofensa nenhuma, não. Eu sei que têm muitas empregadas por aí que abusam mesmo, **não tô falando que são todas santas, de jeito nenhum**. Mas também **não são todas umas sacanas espertinhas**. Eu até entendo sua queixa, não sei se despediria alguém por isso, mas é muito chato mesmo ver que ela está fazendo uma coisa "escondido", pelas suas costas.

**Concordo totalmente quanto à minha pena também ter raízes escravocratas**. O ideal seria vê-las como um profissional como outro qualquer, de quem a gente também pode exigir um monte de coisa, principalmente **profissionalismo**. Tenho pena porque **a maioria delas não sabe nem o que é essa palavra, a gente sabe como esse país é desigual no acesso à educação**.

Na verdade, eu só aproveitei o seu toque para fazer um desabafo, porque **esse assunto me incomoda mesmo**. Outro dia fui a um clube com uma amiga, lá encontramos uma amiga dela que por sua vez começou a reclamar horrores da empregada, porque ela tinha recebido uma proposta de trabalho de uma vizinha para ganhar mais e foi falar com ela que não queria sair, que gostava da casa, mas queria saber se não dava pra ela dar um aumento. **A mulher (uma mothern: uma moça superbacana, gente como a gente) me contou isso achando o fim da picada, achando um absurdo a mulher querer aumento, como se fosse**

**uma puta ingratidão!** Eu tava numa roda de amigos, fiquei com um sorrisinho amarelo e não falei nada. Mas esse negócio ficou me remoendo por dentro, eu me prometi que nunca mais ia deixar passar uma coisa com a qual não concordo sem falar nada. ... A sua queixa (apesar de muito diferente) me lembrou isso, e eu tive que desabafar.

**15844 - Ju:** O uniforme de babá é muito comum, e pode ser até prático pra moça, que afinal criança pequena suja muito a roupa da gente. Mas eu não gosto só por uma questão social mesmo, acho estranho essa mensagem do uniforme "minha relação com esta criança é apenas profissional". Sei lá, me incomoda, eu particularmente não gosto. Eu tenho muito cuidado com a relação que a Isabela tem com a babá, acho muito importante ela crescer respeitando quem trabalha para ela. **Tenho medo dessa coisa de criança crescer mandando e desmandando nas empregadas, dando ordens, pedindo as coisas sem falar "por favor", como se a obrigação da mulher fosse atender todos os pedidos do "senhozinho do engenho".** E tenho medo do uniforme criar essa relação, uma coisa fria, distante, e criar uma hierarquia "eu sou patrão, você é empregado". Claro que **também não gosto de babá vestida como uma putinha.** Não pelo Tom (não acho que vou ser trocada pela bunda gostosa da empregada), mas pelo tipo de valor que isso pode passar pra minha filha. Mas eu sou chata mesmo, sou meio anarquista: eu não gosto de uniforme em lugar nenhum. A escola da Isabela também não exige uniforme dos alunos (nem a atual, nem a do ano que vem), e eu não vejo o sentido nem de "segregar" (como no caso da babá), nem de "nivelar" (como nas escolas) as pessoas pelas roupas.

**15848 - Monix:** É, Ju, eu sei que não tenho que explicar nada, mas é mania minha, quando eu explico eu elaboro. Por exemplo, o que eu falei sobre meu marido não é que eu ache que ele vai se interessar pela empregada, **of course que vc entendeu isso, mas estou falando pras outras pessoas que lêem nossa conversa.** O problema é que ele fica constrangido. E tem essa questão dos valores que estão sendo transmitidos pro meu filho, como eu mesma disse, na minha elitista visão de mundo eu acho inadequados. E olha que a Kátia é suuper discreta mesmo, e agora se converteu à Assembléia de Deus e tudo, mas os shortinhos continuam lá. Mas esse papo de empregada é que nem política e religião, é coisa muito pessoal afinal, por mais que a gente tente estabelecer uma relação legal, são elas que ficam dentro da nossa casa a semana inteira, o ano inteiro, e cada casa é de um jeito, e a nossa casa é onde a gente é mais a gente, se é que vocês me entendem... Beijo

**15861 - Duda:** Olha Ju, eu até concordo, mas acho que **a gente não pode perder de vista uma coisa chamada luta de classes, que nesse país,** como tudo aliás, se desenrola atrás dos bastidores. Eu venho de uma família moderna, que minha mãe já se sentia culpada pela exploração doméstica e já tratava empregada como gente e não "como se fosse".

**Mas quando a gente critica as escravocratas e propõe um novo modelo, não podemos perder de vista uma contradição básica:**

é uma pessoa que convive na sua casa e não é da família. é uma pessoa que deveria ser uma profissional e ser tratada como tal mas as circunstâncias não permitem completamente.

**15862 - Duda:** Aí você trata "bem demais" (isso geralmente quer dizer dar muita intimidade) e a figura rouba, maltrata criança, bota sal de frutas na comida. Pronto, a outra fica magoada, pensa, tá vendo, fui tratar "bem demais, elas gostam é de chicote".

Quem nunca ouviu alguém dizer isso atire a primeira pedra.

E nós, modernas, filhas de modernas, netas de escravagistas, ficamos num pé e noutro, querendo uma "auxiliar" boazinha, amiga, mas que fique no "seu lugar". E ainda temos que ouvir os bazilianistas dizendo que o feminismo aqui se fez em cima da exploração da classe das trabalhadoras domésticas...

**15865 - Duda:** O que a gente tem que prestar muita atenção é que por mais que você faça, inclusive motivada pela velha culpa, **você está alimentando uma relação antagônica, por que o progresso da sua profissional é a sua perda,** como no caso de Paula.

Outro dia uma amiga disse, ah, eu preciso desabafar, **eu vou dizer e depois vc esquece, empregada não devia casar nem ter filho. Pronto, disse.** Claro que ela não pensa isso de verdade, tanto que ajudou pra caramba o casamento e o bebe da moça, mas a vida dela tá de pernas pro ar. Então **as empregadas também passam pr isso, o que elas queriam mesmo é a sua casa, o seu banheiro, a sua tv, e quanto mais suas amigas, mais essa contradição vai estar presente.**

**15867 - Liu!:** Gente, posso abusar de vocês?

Seguinte: o trabalho aqui é escravo, sacrifico muitos sábados e domingos, ganho extra, claro, acho que ainda tô dando conta do meu papel de mãe (eu tenho me esforçado muito, pelo menos: todo meu tempo livre tem o Dida junto, nunca eu). **Mas minha mãe não gosta. Tá foda, cada dia eu ouço uma coisa.** Hoje tive que entrar às 8 (meu horário é das 13 às 22), ela disse: "**vc nem pergunta se eu vou estar ocupada...ajudar o chefe vc ajuda, mas nada aqui em casa, né?"** ou "**não adianta falar que paga empregada, ninguém aceita trabalhar até às 11 horas da noite.**" ... Ai, gente, isso enche. Eu me sinto culpada, uma vontade de largar tudo, uma merda. Mas tenho contas atrasadas, e enquanto não estiver no azul, não saio. Eu não tenho vontade de sair, porque sei que daqui podem me surgir outras possibilidades, mas pô, é minha mãe que fica com o Dida, num tem jeito. E ela não entende. Ela acha que eu venho pro trabalho como se fosse passear.:(

Minha mãe tá cansada também, entendo o lado dela.

**15868 - Du:** Aqui no Rio é muito quente, o que mais vejo é empregada que vai pegar criança na escola com roupa de peranha!! Me desculpem, mas vejo cada

micro short e calça da Gang puxando criança pela mão!!

Uma vez ofereci emprestar um casaco pra uma empregada em um dia de frio e chuva! Ela disse que não precisava não, e **ainda falou que meu casaco era muito velho!!**

PÔ, não era casaco de sair para festas, mas eu usava para ir ao super, fazer feira, essas coisas!! **EU USAVA! E a mulé ainda reclamou que ele estava com bolinhas!!! Não tava nem furado, nem sujo e nem rasgado!**

E sei que vou ser queimada na fogueira das motherns, mas odeio quando a faxineira usa minha escova de cabelo! Como eu sei? **O cabelo dela é MUITO diferente do meu**, e ela deixa ele todo grudado na escova. Bem, agora passei a guardar a escova na gaveta quando ela vem trabalhar!

15877 - Chris:



Para encerrar o assunto por hoje nada melhor do que ler a Maria Creuza!! ps: eu acho também Vivi..hehe

15903 - Duda:

Eu vou continuar no assunto "ajudantes do lar".Eu não chamo a minha de empregada, porque ela se ofende.Nem de negra, porque ela é "morena".Ela não fala preta, fala "da minha cor".

**É lindo a democracia racial, é lindo a democracia do lar.Mas não funciona.** Você tem uma pessoa que mora com você.Pode não dormir, mas faz sua comida, mexe na sua roupa.No dia que ela chega atrasada, vc dá uma bronca, ela queima sua blusa favorita,vc reclama da blusa ela toma banho com seu sabonete e usa sua escova de cabelo.

Você fica com medo de reclamar do minishort e ela puxar o braço do seu filho com força.

**É a luta de classes, a casa-grande e a senzala.**

Outro dia eu vi um documentário maravilhoso sobre o livro de Gilberto Freire.A formação do povo brasileiro se deu lá.Sob a alegação da "quentura" do xibiu das negras, se estuprou e torturou uma raça inteira.Que se esperava disso?**A mulher negra, e dela somos todas descendentes, aprendeu a seduzir, baixar a cabeça, abrir as pernas pro patrão.E depois fingir de sonsa pra patroa, que se**

**vingava nela a humilhação masculina.** Eu já vi empregada contar que envenenou o marido que a espancava com veneno de rato. E eu apavorada, meu deus o que ela vai fazer no dia que se zangar com essa patroa?

**Relação profissional é mito, ninguém vai me convencer que existe. Existe uma tentativa ou outra, aqui e ali, fadadas ao fracasso, do dia que o conflito emocional entrar no meio.**

Ah, mas todo trabalho é assim. É? No trabalho você não é obrigada a dividir sua vida, sua intimidade, as brigas com seu marido, suas dificuldades financeiras. O que a gente pode tentar é uma relação menos carregada, com consideração e gentileza, tentando manter uma distância saudável, que preserve um pouco sua intimidade.

Tentar não se culpar, de novo, por ser mais bem sucedida, já que somos todas descendentes das mesmas mães pretas.

Mas não esperar retribuição, amizade.

O horário aqui é rígido, atrasou, paga o horário. Se eu precisar de extra, pago ou compenso o horário, ela escolhe.

Ela trabalha sábado até meio dia (quer dizer, depois do almoço, duas horas). Se quiser sair durante a semana fica a tarde de sábado.

Liu, eu sei bem o que é isso. Quando eu tive Humberto eu era muito nova, trabalhava dois turnos, não tinha horário pra nada. **Minha mãe reclamava o tempo todo de tudo, quer dizer, nunca podia fazer nada pra mim.**

**Eu desisti e arrumei uma empregada. Pagava meio salário** pra ela pegar e levar ele na escola e ficar até a hora que eu chegasse do trabalho.

O que eu descobri depois é que é um pouco o ranço de relação mãe-filha, um pouco de chantagem, um pouco de "olha, eu avisei", um pouco de frustração da gente não ter feito/sido o que elas sonharam.

Inda mais se na hora de botar empregada ela corre. Vai com calma, tenha paciência, ela já percebeu que tá te perdendo, tb é isso.

**15907 - Vani:**

Oi **enquanto rola o papo do lar eu vou até ali** e ja volto.

O próprio assunto “cri-cri (criada+criança),” nos termos de uma das frequentadoras, é um tabu, considerado socialmente como papo (desagradável) de mulher (que não tem o que fazer). O desconforto com a contradição de classes vivida no cotidiano, bem como a vinculação explícita ao domínio doméstico tornam esse tema particularmente constrangedor para um ambiente de mulheres “modernas,” que se definem pelas realizações na arena pública. A necessidade de delegar o cuidado das crianças a outra pessoa – papel frequentemente assumido por uma mulher de classe pobre – como condição do exercício da atividade profissional feminina evidencia um ponto de fratura na situação feminina contemporânea no Brasil, e que os dados parecem refletir e confirmar. Em vários comentários

percebe-se o desagrado e resistência de algumas frequentadoras em engajar-se em uma conversação com temática comprometida com uma perspectiva tradicional da feminilidade. No primeiro caso, o assunto é tolerado por fornecer “movimento ao boteco,” sendo assim, melhor falar de um tema desagradável do que ficar sem assunto, situação na qual a interação desapareceria no ambiente digital – como no “buraco negro do fim-de-semana.” Mesmo que o tema tenha sido discutido com densidade por algumas frequentadoras, incluindo referências a estudos sociológicos avançados, o estigma que cerca o “papo do lar” está presente entre o grupo, provocando reiteradas manifestações de rejeição e desagrado.

**15923 - Taís: Empregada doméstica: meu sonho de consumo sempre foi não depender de ninguém. Tomar conta de tudo sozinha. Ser mãe, mulher, amante, amiga, profissional, esperar o marido de banho tomado e cheirosa, crianças de banho tomado e pijaminhas fashions calminhas, flores na mesa, jantar a luz de velas, ser a faxineira, a cozinheira e ainda estudar inglês. Hahahahaha, pouco né? Só na propaganda de margarina isso é possível.**

Durante anos tive faxineira 1 vez por semana. Em períodos de recessão, quinzenalmente. Os meus filhos ficaram em creche até os 7 e 5 anos. O Ramiro foi pro colégio com 6 e no outro período ele ficava na creche, junto com o Rafael. Não tinha empregada/baba para cuidar deles porque não confiava. Poderiam faltar e aí seria mais um problema nas minhas costas. A creche não “falta”. Tirando os finais de semana e feriados, abre e fecha no horário. Mas quando eles saíram da creche tive que apelar. Sempre tentei estabelecer uma relação apenas profissional, com todos os poucos direitos que as empregadas domésticas tem garantidos por lei. Gente, se levarmos a lei ao pé da letra, elas são quase escravas. Agora mudou, mas até o ano passado, elas não tinham direito a 30 dias de férias. Eram só os dias úteis e os sábados, domingo não contava. Dava alguma coisa tipo 24 dias de férias.

Por mais que eu tentasse manter o vínculo profissional, o lado pessoal acabava se misturando. Sempre tem um problema que acaba sendo trazido pra dentro da tua casa e por aí vai.

A minha é muito legal. Muito relaxada também. Mas os filhos a adoram e eu sei que ela gosta muito deles e dos meus bichos também. Então, como num casamento, temos que preservar o lado melhor das coisas. Concordam?

(...)

**15930 - Shantala:** Duda, acho que o livro que vc está comentando é "Emancipação do sexo feminino - A luta pelos direitos da mulher no Brasil, 1850-1940", de June E. Hahner, é esse? Ela é uma historiadora brasileira, e mostra no livro que a formação do feminismo brasileiro foi bem diferente de outros países como EUA e Inglaterra. Tb acho um saco lição de moral de americano, mas os brasileiros cumprem um papel importante para a história do Brasil, não dá pra jogar tudo fora só pq eles são estrangeiros (e muitas vezes se acham o máximo). Às vezes quem está de fora pode ver as coisas de um modo



diferente. **O que a autora coloca é que no Brasil só as mulheres da elite tiveram tempo e disposição para a luta pelos direitos femininos, enquanto a maioria das mulheres estavam mais preocupadas com a sobrevivência imediata, trata da questão da herança da escravidão para essa realidade, etc.** E acho que ela traz uma coisa que é importante a gente pensar, na minha casa mesmo eu questiono muito isso: **a válvula de escape que as empregadas domésticas são, mesmo para mulheres modernas, pra frente, etc, como a gente se considera. Isto é, o confronto com os homens (maridos, irmãos, pais) no dia-a-dia não precisa chegar às últimas consequências porque no fim das contas no dia seguinte vem uma empregada que vai fazer o que ninguém tá a fim de fazer. Em países em que não tem essa herança fortíssima da escravidão a divisão de tarefas teve que ser resolvida, enquanto aqui a gente vai empurrando com a barriga.** Sei que não é o caso de muitas aqui, que tem os maridos superiores, mas no meu caso ainda é uma questão, e no de muitas amigas e conhecidas minhas percebo que também é. Ah, sei lá, nem sei se me fiz entender direito, mas enfim, era só pra dar o meu pitaco de historiadora. beijos pra vocês.

*15933 - Monix:* Ih, nem tava tão atrasada assim...

Repetindo o que eu já disse lá atrás, acho a relação com a empregada doméstica muito mais complexa que qualquer outra relação de trabalho e **não dá para comparar com as nossas relações de trabalho, que envolvem empresas, clientes, patrões, e, principalmente, um ESPAÇO PÚBLICO.** Uma pessoa que trabalha dentro de uma casa que não é a dela evidentemente tem que se adequar aos costumes da outra casa, mas acho que nós, que somos patroas conscientes, temos que tentar ter um mínimo de empatia com o conjunto de códigos culturais próprios que elas tiveram que abandonar "da porta pra fora"... Elas nos respeitam, a gente respeita elas, mas o conflito, a luta de classes, o choque cultural (principalmente) vão sempre existir.

*15939 - Monix:* Em tempo: (esse assunto cri-cri rende mesmo, hein?)

A intensa discussão evidenciou questões cruciais acerca dessa contradição na hodierna sociedade urbana brasileira: as relações étnicas, de classe e trabalho na movimentação social feminina. Entre aspectos desse tema, pode-se destacar o estatuto trabalhista da empregada doméstica, seu papel na emancipação das mulheres de classe média, intimidade e assédio sexual no ambiente doméstico, maus-tratos infantis, gosto de classe e hierarquias nas relações de trabalho no lar. Paralelo à seriedade do debate, o deboche, na sarcástica paródia à capa de revista feminina, que daria voz à classe das trabalhadoras domésticas, a partir de discursos que reiteram o estigma e o estereótipo desta categoria

profissional. O *thread* ainda estendeu-se longamente, e terminou com uma comparação das empregadoras entre os salários e benefícios pagos às respectivas empregadas domésticas.

## **Aborto em pauta**

A questão do aborto, este ponto-chave nas políticas de emancipação feminina foi um dos assuntos mais controversos nos ambientes pesquisados, a suscitar disposições opostas, sustentadas por argumentos que vão dos biológicos aos filosóficos, evidenciando contradições e ambigüidades irreduzíveis, que transparecem em discursos das próprias participantes. O procedimento de interrupção voluntária da gravidez desafia frontalmente toda uma concepção de mundo tradicional, que relaciona a virtude feminina à abnegação, à negação de si e à valorização da “vida,” em termos abstratos. Em termos concretos, posições a favor da emancipação feminina vêm na manutenção da criminalização do aborto mais uma forma de controle social, sustentada na corporeidade feminina, que atribui à mulher grávida a total responsabilidade – moral, inclusive – pela gestação. A favor da tradição, encontra-se todo o campo religioso, dos mais diferentes matizes, além dos familiares, pais e mães que, tendo sido criados em uma sociedade conservadora e elitista, tendem a naturalizar o modo de vida tradicional como a maneira “certa” de viver. Entre essas duas posições tão radicalmente definidas, as participantes do circuito comunicativo analisado tentam construir um sentido que articule dimensões éticas, políticas, morais, físicas e afetivas de maneira coerente, evidenciando as muitas dificuldades envolvidas na emergência do novo no campo social.

Como exemplo, destaco a seguir alguns comentários veiculados a propósito do conflito suscitado por uma freqüentadora que solicitava opiniões sobre se deveria ou não praticar um aborto frente a uma gravidez indesejada.

**8956 – Tati:** Olás.... estou escrevendo pq estou precisando de ajuda.... como vcs sabem, estou grávida de quase 1 mês e meio, e vivendo todas as angústias, dúvidas e medos de uma "recém grávida".

Tenho 28 anos, sou publicitária, ainda batalhando pra conquistar minha independência e meu espaço. Moro com a minha mãe, e o meu namorado tb mora com os pais dele, e está desempregado.

Minha gravidez foi totalmente inesperada e nada planejada... sempre quis (e ainda quero mto) ter filhos, mas em uma outra situação.... morando na minha casa, com o meu namorado ao menos trabalhando, enfim.... ele não quer ter, diz q não é a hora. Minha familia sabe e tá me dando a maior força, mas mesmo assim eu penso em mtas coisas: eu ainda nao tenho condições de morar sozinha, divido o quarto com o meu irmão, o pai do meu bebê tá desempregado... pra

ser sincera, só o que eu penso é em não ter o bebê, mas tenho mto medo de todas as consequências disso.

Estou super confusa e angustiada, preciso de um conselho, uma luz, alguma coisa q me ajude a decidir o que fazer....

Obrigada.....

**8957 – Lu:** Putz, Tati, taí uma decisão que realmente ninguém pode te ajudar a tomar. O que você tem que fazer é olhar bem para você mesma e descobrir o que você dá conta ou não. Ter um filho realmente é muito trabalhoso, vai ocupar sua vida por inteiro, pelo menos durante alguns anos. Mas a verdade é que quase todo mundo acaba dando um jeito, arranjando uma solução e se apaixonando pela cria, então, se a opção for essa, pode ter certeza que vai ser difícil, mas que no final as coisas acabam se ajeitando mesmo. Agora, não ter depende muito dos seus próprios valores. Se você é tranqüila com relação a isso, pode ser uma opção, mas se você tem dúvidas, se tem grilos, tem que entender se vai dar conta ou se vai passar a vida remoendo o que fez e se culpando, porque aí a solução pode acabar sendo pior que o problema. Um conselho que te dou é, caso a opção seja pelo aborto, não fique propagando isso para qualquer um. Não se esqueça que vivemos no maior país católico do mundo, e as pessoas às vezes são bem agressivas na defesa dos seus próprios valores. É melhor você se preservar. Boa sorte, e muita tranqüilidade aí para você neste momento.

**9021 – Andréa:** Seguinte gente,

Nao se trata de cagar(regras), de ser moralista, nem nada disso. E so bom senso. Abortar nada mais e que um eufemismo para matar a crianca. Mesma coisa, certo ? Me corrijam se eu estiver errada. Quem vai abortar vai matar a crianca, ou nao ? A vida ta dificil ? Ooo se ta ! Tudo caro, criar filho custa grana. Amor nao compra fralda ? Compra nao. Mas gente, sera que ninguem sabia que era daquele jeito la que vinha nene ? Pensava o que ? Que era a cegonha mesmo que trazia ? Na hora de virar o zoinho ninguem lembra nada disso ne ? Nao lembra que ta desempregado, que nao e o momento ideal, etc e tal. Agora que o PROBLEMA ta ai, facil, mete a faca nele, se livra dele. Ah sim, a camisinha furou, a pilula falhou..claro, claro. Eu nunca vi pais igual a esse pra acontecer essas zebras. Olha eu vou falar uma coisa, eu fico decepcionada em ouvir esse tipo apoio (siga seu coracao, decida, mate) de gente que frequenta um site como o Mothern. Isso e porque e um site de maes, que fala de maternidade. Faco ideia se nao fosse....

E como ja disse alguem, a mulher tem todo o direito de decidir quando ter um filho. Concordo plenamente. Para isso e que e la na farmacia ta cheio de camisinha, pilula. Tem DIU e mais 200 coisas. Mas eu acho que depois que a crianca ja ta la, minha nega, ja era, Ines e morta. Tem mais e que botar forca na peruca (como dizem aqui) e ver a melhor forma de tocar o barco e nao covardemente se desfazer de um inocente que nao tem culpa de nada.E so pra encerrar o assunto da minha parte, como disse la no outro post. Esse feto mesmo que ainda seja migalha, ja e pao. Cade a galera que tambem e contra matar crianca ???

**9045 – Duda:** vem cá, Sou só eu que reparei que as meninas ofendidas todas são desconhecidas e anônimas? Proponho que as costumeiras frequentadoras aqui do LV não alimentem mais a discussão.Vamos falar do que interessa.

**9052 – Andréa:** E isso mesmo Duda e costumeiras frequentadoras, falem do que lhes interessa. O negocio aqui e muito bao, sabe, mas desde que voce nao contrarie a fina nata. Voce concordando, ta tudo otimo. Sabe o que ? Um grande blefe !

**9057 – Soraia:** Sexo, minha gente, deveria ser praticado apenas por pessoas responsaveis pelas suas consequencias, como gravidez por exemplo. Tenham 15 ou 35 anos. Na hora do oba oba, do nao para, nao para, essa possibilidade e descartada. Depois, qualquer coisa,e so decidir por um aborto basico ? Facil, pratico e moderno isso. Muito dedo no olho dessa gente de merda.

**9061 – Lu:** Peraí, gente! Vamos tentar manter o debate no nível elevado que ele estava. Primeiro uma coisa tem que ficar clara: não existem pessoas “a favor do aborto”. Aborto é sempre uma opção de emergência, traumática, numa situação limite, de sofrimento e desespero. (...) Cada um sabe do que dá conta, e a interrupção da gravidez é um recurso que aparece deste os primórdios da civilização humana, aparece entre índios, entre tribos isoladas. Não tem nada de moderno nisso. A discussão sobre ser ou não “assassinato” é que é mais recente. E até hoje ninguém tem uma posição definitiva sobre onde começa a vida ou não, onde o embrião passa a ser uma criança ou não. Tanto é que acho que ninguém aqui é tão careta a ponto de condenar o DIU, que é um método anticoncepcional que atua APÓS a fecundação. Também quase ninguém condena o trabalho de clínicas de inseminação artificial, e, na reprodução assistida, vários óvulos são fecundados para os médicos implantarem alguns e eliminarem outros. (...) Cada caso é um caso. (...) Não vamos dificultar ainda mais quem está sofrendo com isso, tentando pressioná-la com argumentos que só têm relevância para quem compartilha as mesmas crenças. Quero deixar bem claro que, assim como eu estou fazendo, todo mundo tem o direito de se expressar aqui(...) Então vamos esfriar a cabeça, sim, e voltar a conversar como gente grande. Um beijo. Continuo orgulhosa deste espaço.

Entre as frequentadoras, a questão específica perdeu a relevância e ganhou densidade de questão metafísica, as opiniões se dividiram entre ‘contra’ e ‘a favor’ da vida. O episódio culminou com a saída voluntária das duas frequentadoras que condensaram a posição anti-aborto. Cabe ressaltar nesse episódio, que a retirada destas participantes começa a se desenhar com o comentário irônico de Duda, que as denomina “anônimas” e “desconhecidas,” opondo-as à categoria “costumeiras frequentadoras” a quem prescreve um boicote – forma bastante freqüente de exclusão na rede. Assim procedendo, adscribe um território simbólico de pertença legítimo naquele ambiente, excluindo as oponentes. A réplica instantânea, sarcástica e ofensiva de Soraia anuncia o iminente abandono do ambiente, mas não da questão. O ambiente é que passa a ser desqualificado: um sítio sobre a maternidade no qual se defende o aborto, segundo ela, é “um grande blefe.” Cabe destacar que o conflito sobre essa questão gerou mais de 150 comentários no período de dois dias, evidenciando o potencial explosivo dessa questão feminina e a demanda por um espaço de negociação entre posicionamentos díspares e mesmo contraditórios.

## **Para Concluir**

Um ponto extremamente importante a ser destacado em termos das propostas de ação social das participantes do ambiente pesquisado consiste na orientação essencialmente individualista dessas propostas. Como pôde ser visto ao longo da análise, as participantes, de modo geral, mostram ter espírito crítico e identificam diversas contradições na cultura de gênero na atualidade. Entretanto, todas as proposições de ação no sentido do enfrentamento destas contradições ocorrem em um âmbito privado e individual: cada participante cuidaria da

educação de seus/suas próprios/as filhos/as, e esperando que, se todas as demais mães fizerem o mesmo, no decorrer de algumas gerações o mundo seria um lugar melhor.

Fato interessante nesse sentido é o preconceito generalizado com relação ao feminismo. As referências a esta teoria social vêm acompanhadas por uma justificativa, que sistematicamente nega a afiliação das participantes a seus quadros, como na frase de uma das frequentadoras, “não quero parecer feminista, mas...” Assim, entre as participantes, “feminista” é um termo pejorativo, vinculado a um discurso considerado rancoroso e ultrapassado. Contudo, se for considerado que a teoria feminista baseia-se em uma proposta de ação política, coletiva, e que esta posição é rechaçada *a priori* pelas participantes, a politização do debate sobre relações de gênero como uma questão de justiça social – que deve ser enfrentada coletivamente – fica esvaziada desde o início. Assim, não chega a surpreender que a saída apresentada face às evidentes contradições entre uma proposta de sociedade igualitária em termos de direitos civis e o tratamento diferencial de meninos e meninas – e de homens e mulheres – seja essencialmente individual. Desta forma, a proposta de ação face às desigualdades de gênero sugerida no ambiente pesquisado é um projeto de longo prazo: educa-se os/as próprios/as filhos/as no sentido de uma tomada de consciência dessas desigualdades, visando produzir uma “sensibilização” dos homens futuros, processo que poderia vir a modificar as relações de gênero ao compasso das sucessões das gerações.

Assim, o que podemos tomar como um ponto de partida é que o que se entende por “povo” e por “política” hoje é uma coisa muito diferente do que no século XX. Hoje, temos uma concepção de sujeito atomizada, que pode fazer política ou praticar cidadania sem sair às ruas, mas que precisa ser convocado para a ação. Não raras vezes, esse sujeito é entendido como despolidizado ou indiferente. Entretanto, pode não ser falta de engajamento político, mas política feita de outra maneira, por um sujeito típico de uma sociedade individualista, que se mobiliza na participação a partir de outras lógicas, que se articulam com seus interesses, com seu modo de vida.

Em uma sociedade ampliada pela praça pública digital, com um clique pode-se contribuir com a mudança de uma política pública, por exemplo, que afetará toda a coletividade, obtendo eventualmente o efeito político de uma passeata como a Marcha das Margaridas. O ponto a destacar no fechamento deste texto é que novas formas de organização social e política não substituem as formas tradicionais. Elas se acrescentam e se transformam mutuamente. A Internet se articula com todos os outros meios de comunicação precedentes, de

modo complementar. As pessoas usam a Internet junto com seus celulares, câmeras fotográficas, televisores, rádios e conversações face-a-face. Uma tecnologia que, como as outras, não existe fora da sociedade, mas que ela própria ajuda a redefinir o que entendemos por “viver em sociedade”.

## **Bibliografia**

- BRAGA, Adriana A. *Personas Eletrônicas: feminilidade e interação no blog Mothern*. Porto Alegre, Editora Sulina, 2008.
- \_\_\_\_\_. “Sociabilidade no Livro de Visitas: uma dimensão comunicacional da feminidade contemporânea.” In: BRAGA, Adriana (org.) *CMC, Identidades e Género: teoria e método*. Coleção Estudos em Comunicação. Covilhã/Portugal, Universidade da Beira Interior, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Corpo-Verão: estratégias discursivas e agendamento corporal na imprensa feminina*. Dissertação (mestrado) em Ciências da Comunicação. São Leopoldo, PPGCC/Unisinos, 2003.
- GOFFMAN, Erving. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis, Vozes, 1998.
- JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. São Paulo, Cultrix, 1969.
- ORTNER, Sherry. “Is Female to Male as Nature Is to Culture?” In: ROSALDO, M. and LAMPHIRE, L. (eds.) *Woman, Culture and Society*. Stanford, Stanford University Press, 1974.
- SIMMEL, Georg. *Sociologia*. São Paulo, Ática, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Filosofia do Amor*. São Paulo, Martins Fontes, 1993.